

# Thiers Martins Moreira: centenário de nascimento

Domingo Gonzalez Cruz

THIERS MARTINS MOREIRA foi um homem dedicado à literatura e à valorização da qualidade humana. Nasceu no dia 16 de dezembro de 1904, na cidade de Campos, Estado do Rio de Janeiro. Seu pai, Antônio Moreira da Silva, nascido em Leixões, Portugal, casou-se com Teresa Martins Moreira:

Não frequentou nenhum estabelecimento de ensino primário ou secundário. Estudou particularmente com os professores Viveiros de Vasconcelos, Paulo Barroso, Moll, Aldo Muylaert, prestando depois “exames vagos” no Liceu de Humanidades de Campos. (*Momento cultural*, n. 2, jun./jul., 1970)

Em 1927 ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil. O ano de 1932 marcaria a vida do escritor. Casou-se a 15 de abril, em Niterói, com Rosita da Torre Tavares, filha de Albertino de Brito Tavares e de Joana da Torre Tavares. Nasceram dois filhos: Carlos Martins Moreira, advogado, duas filhas – Ana Maria e Isabel; e Fernando Martins Moreira, advogado, quatro filhos – Carlos, Pedro, Teresa e Inês.

Após o casamento, a carreira do professor Thiers Martins Moreira levantou um vôo vertiginoso. Fundou a revista *Educação e Administração*, que dirigiu até 1941. Publicou seu primeiro livro *Camões e Fernão Lopes* – conferências. Tornou-se catedrático de Literatura Portuguesa, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio de Janeiro, apresentando como tese: “A Arte Maior na Poesia Dramática de Gil Vicente”.

Uma série de viagens projetou sua ação profissional no exterior:

1950 - Reunião do Instituto Internacional de Teatro – Unesco.

1951 – Participou da Reunião da Comissão de Direitos Autorais, em Washington, e da Reunião do 1.º Conselho de Cultura da OEA – México.

1951/52 – Assessor do Departamento da OEA. Professor de Estudos Brasileiros na Universidade de Lisboa, criando o Instituto de Cultura Brasileira.

1955 – Ministrou cursos nas universidades de Coimbra e Lisboa, a convite do Instituto de Alta Cultura de Portugal.

1960 – Participou do Congresso dos Descobrimientos em Lisboa. Recebeu três condecorações em Portugal: Cavaleiro da Ordem de Cristo, comendador da Ordem do Infante Dom Henrique e Comendador da Ordem de Instrução Pública.

Carlos Ribeiro não esqueceu de observar as qualidades do amigo:

Homem sereno, equilibrado, modelo de bom senso. Extraordinariamente fascinante. Criatura humana dotada de grandes qualidades intelectuais e morais. Grande caráter. (RIBEIRO, 1974, p. 2)

Ele sabia equilibrar o intelectual intenso com a figura humana atenta às pessoas que um dia cruzaram seu caminho. Sua dedicação à Fundação Casa de Rui Barbosa tornou-se fundamental para o crescimento institucional:

A atuação de Thiers Martins Moreira na Casa de Rui Barbosa principia quando é convidado a fazer o prefácio do primeiro tomo a ser publicado das *Obras Completas de Rui Barbosa – A Reforma do Ensino Secundário e Superior*. Alguns anos mais tarde é chamado pelo diretor da Casa de Rui Barbosa, Américo Jacobina Lacombe, para dirigir o recém-criado Centro de equipe de pesquisadores que tinha por finalidade realizar estudos e trabalhos no domínio do Direito e da Filologia.

A Thiers Martins Moreira coube planejar, iniciar e lançar as bases daquele Centro de Pesquisas, formando uma equipe de pesquisadores que dirigiu por dezoito anos, até sua morte. (LEVY, 1974, p. 2)

Ele não se tornou um intelectual fechado, reacionário à literatura de cordel. Abriu as portas do Centro de Pesquisas da FCRB à literatura popular:

Sentindo o possível desaparecimento deste tipo de literatura e as dificuldades dos seus autores, procurou adquirir para o Centro de Pesquisas uma coleção de folhetos, que vem se ampliando e que constitui atração para os estudiosos. Foi para maior proteção deste fenômeno literário que planejou a publicação do primeiro tomo do catálogo da literatura popular em verso, tarefa pioneira e de mais alta relevância, do primeiro tomo da antologia que seria o Grande Romancero Moderno da Língua Portuguesa e também do primeiro tomo dos Estudos. (Idem)

Foi um pesquisador cuidadoso e um líder ponderado:

Sempre preocupado com os problemas de sua época, estava atento às idéias de renovação, não só nos setores de seu maior interesse, mas também onde oferecesse aprimoramento e cultura. De mentalidade aberta, jovem, entusiasta, nunca se recusou a um bate-papo com os moços dando-lhes a iniciativa da escolha dos temas, mas enfeixando em suas mãos a orientação das soluções. (Idem)

E o escritor? Em que momentos, ele se dedicou a palavra essencial, originada dentro do silêncio subjetivo e da emoção mais profunda?

Thiers Martins Moreira deve ser visto, no seu Centenário de Nascimento, como a expressão mais clássica do memorialismo lírico brasileiro, com os livros: *O Menino e o Palacete* (1954) e *Os Seres* (1963). Forma e conteúdo casam-se perfeitamente nesses textos inesquecíveis. O homem adulto mergulha no seu mundo interior e escuta o Menino (filho de emigrante) que um dia morou, no início do século XX, num velho casarão campista, impregnando-se da presença de um barão fantasmagórico e da atmosfera residencial já inexistente:

O Palacete é uma casa de sobrado, construída talvez na segunda metade do século XIX, para a residência de uma família da aristocracia agrícola e política do vale do baixo Paraíba, na antiga Província Fluminense. Ergue-se, ainda hoje, entre duas ruas, na cidade de Campos, com seu ar senhorial de arquitetura nobre envelhecida. (MOREIRA, p. 15)

Dando voz ao silêncio do Menino, Thiers abriu uma nova dimensão para perceber o encantamento poético existente nas casas centenárias. Ele percebeu que o menino era

dotado para a percepção espacial e estética. Mas quais são as etapas para o desenvolvimento desse “olhar interior” propenso a prolongar-se no olhar do leitor interessado em descobrir os encantos de uma casa velha?

A presença de uma casa centenária, com seus encantamentos, é indispensável:

A casa no princípio do século, quando o Menino a encontra, estava intocada, conservando a sua estrutura e fisionomia originais. Era, no entanto, moradia sem vida, quase abandonada.

Os seus pais a alugaram então, e ali instalaram um hotel que até hoje, pertencendo a outros, se chama Hotel Amazonas. (MOREIRA, p.19)

Além da casa, um trabalho de arte-educação, após a leitura dos capítulos: “O Encontro”, “A Revelação”, “A Amizade” e “Mistério e Fantasia”, poderá sensibilizar adultos e crianças para exercitar a sensibilidade que formará o “olhar da comunidade”. Essa curiosidade cultivada corresponde ao “encontro” que o Menino teve com o Palacete:

O menino encontra-se com o Palacete no dia em que os pais foram visitar pela primeira vez, a fim de alugá-lo. Tenho desse encontro uma lembrança muito vaga, quase perdida. Lembro-me, porém, de que o Menino, ao se aproximar da casa, mediu a fachada do alto a baixo e, olhando em volta, subiu as escadas segurando a mão direita de sua mãe, que lhe dizia: – Vamos”. (MOREIRA, p. 27)

O “encontro” dos moradores de um bairro, por exemplo, com uma casa antiga abandonada, provoca a “revelação” histórica dessa velha moradia esquecida no tempo e no espaço.

O mistério e a fantasia do Palacete surgiram dos fatos anônimos sugeridos nos aposentos: o quarto escondido, o cofre enterrado, a prisão dos escravos, a alma do barão.

Esses fatos guardados nas imagens, pessoais para o Menino, abrem a imaginação das crianças quando se encontram frente a frente com o silêncio das casas, dos museus e seus guardados cheios de significados expressivos:

Foi procurando para conhecer, que teve a revelação do lavrado de jacarandá dos balaústres da escada, passando a sofrer se encontrava quebradas as pontas das curvas da folhas de acanto. (MOREIRA, p. 41-42)

O ecologista Arthur Soffiati analisa a essência criativa do memorialista sensível ao olhar da infância:

Como Machado de Assis, Thiers Martins Moreira prima pelo estilo primoroso e pelo mergulho na alma humana. Como Proust, ele vive a perplexa experiência do tempo. Entrementes, tanto em *O Menino* e *o Palacete* quanto em *Os Seres*, a viagem no tempo o conduz ao espaço. É fantástico o sentido de espaço revelado em sua obra. De tal modo, que poderíamos considerá-lo um memorialista do espaço ou um especialista, se me permitem o termo.

O Menino caminha dentro do espaço interno e do espaço externo da casa. Identifica o mundo ao redor, conhece as pessoas que vivem dentro e fora do Palacete para destilar a poesia apreendida.

E Soffiati aponta as dimensões desse diálogo eterno entre o Palacete e o Menino:

Chama a atenção também a sensorialidade quase sensual do Menino, que experimenta intensamente o Palacete em sua ossatura e atmosfera. Para as mãos, o prédio lhe dava as portas e janelas, as escadas e corrimãos, as maçanetas, trincos e chaves. Para os olhos, as formas e os volumes dos cômodos, das paredes, do piso, do teto, do telhado e de tantos detalhes despercebidos pelos Seres do hotel e arredores. Para o ouvido e a pele, os sons distintos que brotavam da igreja Boa Morte, da Igreja Mães dos Homens e da Catedral, o som surdo das mangas que caíam no pátio interno do hotel e a sensação provocada pelos ventos nordeste e sul. Para o nariz, o odor das mangas, das folhas da mangueira esmagada pelos pés daqueles que viviam no Palacete, o cheiro da roupa passada e tantos outros.

### Referências bibliográficas:

Levy, Norah. Presença de Thiers. Suplemento da Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, dez., 1974.

Moreira, Thiers Martins. *O Menino e o Palacete*. Rio de Janeiro: Livr. São José, 1968.

Soffiati, Arthur. Thiers Martins Moreira. S. n. t.

Thiers e a Livraria São José. Suplemento da Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, dez., 1974. Entrevista concedida por Carlos Ribeiro.